

Volóchinov: Para uma Análise Sociológica da Ideologia

Voloshinov's Sociological Analysis of Ideology

*Sébastien Gabriel Fabien Ghislain Antoine¹ 

Resumo

O “Marxismo e filosofia da linguagem” (1929) de Valentin Volóchinov se destaca como uma das mais altas expressões da vida intelectual dos primeiros anos da Rússia pós-revolucionária. Começando com uma discussão relativa às fundações epistemológicas da obra, este artigo pretende trazer à luz as contribuições seminais de Volóchinov para uma semiótica social marxista, estudando os signos ideológicos como campos de luta entre acentuações sociais realizadas por vários grupos e classes sociais. Sublinhando as fortes afinidades eletivas tanto com a psicologia histórico-cultural de Vygotsky (1896-1934) quanto com o pensamento político de Gramsci (1891-1937), argumenta-se então que o método sociológico na ciência da linguagem de Volóchinov (1895-1936) propicia o fundamento para uma abordagem bastante frutífera da dimensão ideológica das relações sociais. Ao fazê-lo, ele lança uma luz dinâmica sobre o lado político das interações de linguagem concretas, como contribuição original para a expansão do programa de pesquisa marxista.

Palavras-chaves: ideologia; filosofia da linguagem; marxismo; semiótica social; análise socioetnográfica.

Abstract

Valentin Voloshinov's “Marxism and the Philosophy of Language” (1929) stands out as one of the highest expressions of the vivid intellectual life of the early years of post-revolutionary Russia. Starting with a discussion regarding the epistemological foundations of the work, this paper aims to bring to light Voloshinov's seminal contributions to a Marxist social semiotics, studying ideological signs as fields of struggle between social accentuations carried out by various social groups and classes. Underlining the strong elective affinities with both Vygotsky's (1896-1934) cultural-historical psychology and Gramsci's (1891-1937) political thought, we argue that Voloshinov's (1895-1936) sociological method in the science of language provides the ground for quite a fruitful socio-ethnographic approach of the ideological dimension of social relations. By so doing, it casts a dynamic light on the political side of concrete language interactions, as an original contribution to the expansion of the Marxist research program.

Keywords: ideology; philosophy of language; marxism; social semiotics; socio-ethnographic analysis.

¹ Université Catholique de Louvain, Secteur des Sciences Humaines, Faculté des Sciences Économiques, Sociales, Politiques et de Communication, École des Sciences Politiques et Sociales (SSH/ESPO/PSAD, Louvain-La-Neuve, Mons, Bélgica). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1014-5268>.

Introdução

Desde Marx e Engels e a *Ideologia Alemã*, a análise da dinâmica ideológica da vida social foi sempre um grande desafio e preocupação da tradição marxista. Nas primeiras décadas do século XX, uma nova geração de pesquisadores abordou, entretanto, esta questão com perspectivas particularmente originais nas áreas da teoria política (Antonio Gramsci), da psicologia social (Lev Vygotsky) ou da filosofia da linguagem (Valentin Volóchinov).

Neste marco, as contribuições de Volóchinov se destacam por seu foco sobre o processo de acentuação social dos signos, sublinhando a existência de um choque entre acentos distintos na luta pela definição das suas significações. Com isto, o filósofo da linguagem soviético lança as bases de uma verdadeira abordagem sociológica da carga ideológica das relações sociais, convidando os pesquisadores em ciências sociais a desdobrar a etnografia como ferramenta de estudo da conflitualidade ideológica no cerne das interações sociais cotidianas.

Uma Autoria em Questão

Valentin Nikoláievitch Volóchinov, nascido em 1895 em São Petersburgo, é um dos representantes da grande vitalidade das ciências humanas na União Soviética na década de 1920². Participou regularmente de seminários informais com seus amigos Pavel Medvedev, Mikhail Bakhtin e Lev Pumpjanskij, sobre diversos temas relacionados à arte e às humanidades. Como refugiado durante a Guerra Civil e os anos de comunismo em tempo de guerra em Nevel' e depois em Vitebsk, cidades de médio porte na fronteira russa da atual Bielorrússia, ele tomou parte da intensa vida cultural e intelectual que prevalecia ali na época, principalmente como músico, poeta e professor. Retornando à então Leningrado em 1922, ele continuou seus estudos universitários na recém-criada Faculdade de Ciências Sociais, então chefiada pelo linguista Nicolas Marr. Em 1924, ele começou um doutorado no Instituto de História Comparada das Línguas e Literaturas do Ocidente e do Oriente (ILJaZV), onde foi palestrante antes de se tornar bolsista de tempo integral. Foi no ILJaZV que ele preparou o *Marxismo e a filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (VOLÓCHINOV, 2018), que foi publicado pela primeira vez em russo em 1929, e depois republicado em 1930. No entanto, a obra cairá rapidamente em esquecimento, seguindo o caminho de seu autor: afetado pela tuberculose desde os anos vinte, Valentin Volóchinov falece finalmente no dia 13 de junho de 1936.

No entanto, a questão da atribuição do trabalho a Volóchinov tem sido objeto de muitos debates e controvérsias nas últimas décadas, particularmente nos mundos francófono e lusófono. A redescoberta do Marxismo e a filosofia da linguagem (referida como “MFL” a partir daqui) ocorreu de fato apenas em meados da década de setenta, principalmente após a intervenção de Roman Jakobson, que promoveu sua publicação nos Estados Unidos (SÉRIOT, 2015, p. 21-23).

No entanto, embora as traduções americanas (1973), espanholas (1992), alemãs (1975) ou a primeira versão italiana (1974) tenham sido publicadas sob o nome de Volóchinov; as primeiras traduções francesas (1977) e brasileiras (2002) ou a segunda tradução italiana (1999) são atribuídas em primeiro lugar a Mikhail Bakhtin. Volóchinov

² Para uma apresentação biográfica aprofundada da trajetória de Volóchinov, veja o excelente prefácio de Patrick Sériot (2010) na nova tradução de *Marxismo e filosofia da linguagem* em francês (VOLOŠINOV, 2010), traduzido poucos anos depois em português brasileiro (SÉRIOT, 2015) por Marcos Bagno.

aparece então no segundo plano, entre parênteses ou apresentado como pseudônimo³. Na introdução da primeira tradução francesa em 1977, Jakobson (1977, p. 7) afirmava:

O livro em questão e várias outras obras publicadas no final dos anos vinte e início dos anos trinta sob o nome de Volóchinov, como um ensaio sobre o Freudismo e alguns ensaios sobre a linguagem na vida e na poesia, e também sobre a estrutura do enunciado, foram na verdade compostos por Bakhtin (1895-1975), autor de obras seminais sobre a poética de Dostoievski e Rabelais. Parecia que Bakhtin não estava disposto a fazer concessões à fraseologia da época e a certos dogmas impostos aos autores. Os seguidores e discípulos do pesquisador, em particular V. N. Volóchinov (nascido em 1895, desaparecido no final de 1930) tentaram um compromisso que, sob um pseudônimo escrupulosamente guardado e graças a uma reformulação obrigatória do texto e até do título, poderia salvar a essência do grande trabalho.

Porém, segundo Sériot (2015, p. 46-47), esta atribuição a Bakhtin só se encontra realmente após a intervenção do linguista russo Ivanov, que na reimpressão dos anais de 1973 de uma conferência realizada em novembro de 1970 por ocasião do 75º aniversário de Bakhtin, acrescentou à bibliografia atribuída ao autor uma série de obras que nunca tinham aparecido lá antes: *Marxismo e filosofia da linguagem* (VOLÓCHINOV, 2018) e *O Freudismo*⁴ (BAKHTIN, 2001) de Valentin Volóchinov, e *O método formal nos estudos literários* (MEDVIÉDEV, 2016) de Pavel Medvedev.

Os seminários informais em Vitebsk e Leningrado se transformaram assim progressivamente, quase cinquenta anos depois, em um mítico “Círculo de Bakhtin” – esse último sendo apresentado como verdadeira eminência cinza, o papel de Volóchinov e Medvedev sendo limitado ao de laranjeiras e de corretores da forma da obra afim de agradar a censura como o sugere Jakobson⁵ – ofuscando de fato, seguindo Sériot, a importância da “seção de poética sociológica [do ILJaZV], dirigida por P. Medvedev e V. Sismarev, do qual Volóchinov fazia parte [e que] frequentava com mais assiduidade [...] que o apartamento de Bakhtin” (SÉRIOT, 2015, p. 29).

Esta relegação de Volóchinov e Medvedev marcou assim profundamente a “redescoberta” ocidental de MFL. A tese da centralidade de Bakhtin na produção da obra continua assim até hoje a receber um certo eco no campo acadêmico, nomeadamente no Brasil, mas também em seu país de origem. Até hoje, a edição russa de MFL está de fato ainda publicada apenas com o nome de Bakhtin, “numa coleção cujo nome evoca um romance policial: ‘Bakhtin sob a máscara’” (SÉRIOT, 2015, p. 60).

Entre Materialismo e Fenomenologia

Nos quinze últimos anos, dois grupos de publicações francófonas contribuíram com uma luz nova sobre este debate de autoria, destacando questões científicas e políticas subjacentes de grande importância epistemológica e teórica, tanto pelo campo da

³ A nova tradução brasileira parece fazer um compromisso; atribuindo a autoria a Valentin Volóchinov, colocando “Círculo de Bakhtin” entre parêntesis (VOLÓCHINOV, 2018).

⁴ Que as únicas traduções em francês (BAKHTINE, 1980) e português (BAKHTIN, 2001) atribuíam a Bakhtin, em contraste com sua tradução em inglês (VOLOSHINOV, 2013).

⁵ A tradutora da primeira edição francófona, Marina Yaguello, retomou assim explicitamente este narrativo na sua introdução, conferindo-lhe uma legitimidade certa no campo francófono: “Ainda segundo o professor Ivanov, que obteve as informações do próprio Bakhtin, o título e certas partes do texto relacionadas com a escolha deste título são de Volóchinov” (YAGUELLO, 1977, p. 9).

linguística e da filosofia da linguagem, quanto para pesquisadores de ciências sociais que se aproximam da proposta de análise sociologia da ideologia defendida em MFL.

Por um lado, Patrick Sériot e Inna Tylkowski-Ageeva – pesquisadores do CRECLECO⁶ da Universidade de Lausanne – empreenderam uma nova tradução de MFL (VOLOŠINOV, 2010) que eles queriam “mais perto do de Leningrado-1929 e mais longe do de Paris-1977” (SÉRIOT, 2015, p. 22). Este trabalho foi amplamente viabilizado pela extensa pesquisa conduzida por Tylkowski (2012) em sua tese de doutorado: reconstruindo meticulosamente o cenário intelectual russo da época em seus aspectos culturais, institucionais e políticos, a pesquisadora conclui em favor da autoralidade de Valentin Volóchinov.

Por outro lado, as pesquisas de Jean-Paul Bronckart e Cristian Bota da Universidade de Genebra, que, além de um retumbante livro (BRONCKART; BOTA, 2012) com tom às vezes polêmico, publicaram vários artigos de interesse (BOTA, 2008; BRONCKART; BOTA, 2007; BRONCKART; FRIEDRICH, 2010), tentaram traçar um divisor de águas entre as obras de Bakhtin, por um lado, e as de Volóchinov e Medvedev, por outro. Seguindo Bronckart e Bota, enquanto as primeiras estariam situadas numa perspectiva fenomenológica com tendência religiosa, as segundas estariam posicionadas no campo materialista, afirmando o desejo de contribuir para o desenvolvimento da teoria marxista através de uma compreensão sociológica da linguagem e da consciência.

Esses três autores se posicionariam assim de maneira diferente diante da observação, amplamente compartilhada no início do século XX, de uma crise das ciências humanas em sua forma de dar conta dos diferentes aspectos da psique humana. Elas se mostrariam de fato capazes de estudar, por um lado, as funções psíquicas inferiores – reflexos, neurofisiologia etc. – e, por outro lado, as funções psíquicas superiores – linguagem, consciência, sonhos etc. – mas seriam incapazes de compreendê-los de forma unificada, dentro do mesmo esquema interpretativo (BRONCKART; FRIEDRICH, 2010). A psicanálise freudiana seria assim limitada às funções superiores, enquanto a reflexologia pavloviana permaneceria no estudo das funções inferiores.

Seguindo Cristian Bota, esta observação, que também seria compartilhada por Vygotsky no seu ensaio sobre a significação histórica da crise em psicologia (VYGOTSKY, 1999), é uma reação à “persistência do modelo positivista da ciência e à divergência quanto a possíveis alternativas a este modelo” (BOTA, 2008, p. 31). Teriam assim surgido progressivamente duas formas de alternativas à abordagem positivista do psiquismo “que tinha resolutamente adotado o modelo das ciências naturais (e da biologia em particular)” (BRONCKART; FRIEDRICH, 2010).

Uma primeira corrente, a psicologia empírica ou descritiva, foi inspirada pela filosofia de Brentano, que considerava os fenômenos psíquicos conscientes como fazendo parte da “experiência interior” de cada sujeito e como sendo radicalmente desarticulados de qualquer fenômeno material; entretanto, por serem acessíveis à percepção interior, eles poderiam ser descritos e foi com base nisto que o método da introspecção foi desenvolvido. As últimas contribuições da fenomenologia de Husserl radicalizaram esta perspectiva, rejeitando a possibilidade de um estudo empírico da consciência; esta última foi relegada a um reino transcendental no qual as dimensões ontológicas são totalmente reabsorvidas em fenômenos (BOTA, 2008, p. 31).

⁶ Centro de Pesquisa de Epistemologia Comparativa da Linguística da Europa Central e Oriental.

Esta primeira corrente, defendendo a desvinculação da subjetividade de sua realidade material e social, rejeita assim o positivismo de uma forma fundamentalmente fenomenológica: apenas as representações que os sujeitos se fazem do mundo seriam acessíveis, e isto por introspecção radical e não por análise sociológica. Segundo Bronckart e Bota é precisamente este caminho que é seguido por Bakhtin, começando com seus trabalhos da década de 1920 nos quais “os fenômenos psíquicos conscientes são atestados apenas na forma da experiência interior do sujeito [...] o que implica que eles não podem ser estudados de forma útil nem em sua relação com processos inferiores nem como construções sócio-históricas” (BRONCKART; BOTA, 2007, p. 77).

Ao mesmo tempo, Cristian Bota aponta que “uma segunda corrente [...] partiu por sua vez de uma posição monista materialista apoiada no marxismo” (BOTA, 2008, p. 31):

Seu princípio inicial era que o objeto de uma ciência humana não é a relação entre um sujeito pensante e o mundo, mas sim a práxis coletiva, ou “a própria atividade humana, como uma atividade objetiva” (MARX; ENGELS, 2007, p. 533). A sua tese central era que as capacidades de pensamento ativo dos humanos não derivam diretamente das propriedades de seus corpos ou de seus comportamentos objetivos, mas sim da reintegração em cada organismo das propriedades da vida social objetiva, em seus aspectos de criação de instrumentos e cooperação através do trabalho e da linguagem (ENGELS, 2000 apud BRONCKART; BOTA, 2007, p. 78).

Esta segunda corrente propõe assim as bases de uma abordagem do psiquismo na sua dinâmica social de constituição. Partindo do princípio de que as funções psíquicas superiores não podem ser separadas das inferiores, ela encontra na vida social concreta as fontes tanto da consciência quanto do inconsciente – este caminho de inclinação marxista/materialista sendo precisamente o seguindo por Volóchinov, Medvedev e outros compatriotas contemporâneos, tais como Lev Vygotsky.

Pesquisas recentes nos acervos do ILJaZV apontam de fato “uma forte presença da teoria marxista em várias atividades do [instituto]” (GRILLO; AMÉRICO, 2017, p. 339) e uma intensa atividade docente do Volóchinov, dentro como fora do ILJaZV, incluindo “aulas sobre teoria marxista, materialismo histórico [e] a história da cultura material, algumas das quais [sendo] aulas obrigatórias no currículo, todos os anos ao longo de todo o curso” (GRILLO; AMÉRICO, 2017, p. 343). No marco do seu trabalho teórico e metodológico em conjunto com o seu orientador científico, Vassily Desnitsky:

A participação de Volóchinov é [também] evidente em dois laboratórios [...] baseados na teoria marxista [:] o ‘Laboratório de Processo Literário’ [...] que, de fato, aborda os gêneros literários a partir de uma perspectiva marxista [e] o Laboratório de Métodos Criativos [...] que visava desenvolver uma história marxista do sistema poético, entre outras coisas” (GRILLO; AMÉRICO, 2017, p. 343).

Reintroduzir a obra no marco das atividades concretas, de ensino e de pesquisa, do seu autor ajuda assim a entender as raízes que sustentam o projeto de superação das influências mecanicistas e positivistas na análise marxista das realidades ideológicas que Volóchinov apresenta de forma particularmente nítida na introdução de *Marxismo e filosofia da linguagem*:

É necessário acrescentar ainda que, em todas aquelas áreas que os fundadores – Marx e Engels – tocaram de leve ou não abordaram em absoluto, as categorias mecânicas se arraigaram. No geral, todas essas áreas ainda se encontram no estágio do materialismo mecânico pré-dialético. Isso se expressa no fato de que, até o presente momento, reina a categoria de causalidade mecânica em todas as áreas da ciência sobre a ideologia. Além disso, ainda não foi eliminada a compreensão positivista do empírico: o culto do “fato” que não é compreendido do ponto de vista dialético, mas como algo inabalável e firme. Essas áreas ainda foram pouco tocadas pelo espírito filosófico do marxismo (VOLÓCHINOV, 2018, p. 84).

Este desvio através dos debates da psicologia social e da filosofia da linguagem do início do século XX permite assim entender que este trabalho aparentemente remoto de um intelectual soviético dos anos vinte representa umas das tentativas mais instigantes de extensão não positivista do programa de pesquisa marxista (BURAWOY, 1990) para um campo das ciências humanas e sociais que este último não tinha tanto explorado antes: o estudo da linguagem em sua dimensão fundamentalmente social. Assim, tal como a psicologia histórico-cultural de Vygotsky representa um chamado para uma análise sócio-histórica da constituição da consciência e da subjetividade, MFL constitui uma defesa de uma abordagem resolutamente sociológica do estudo da linguagem e, portanto, da ideologia.

Uma Concepção Ampla da Ideologia como Semiótica Social

Por ideologia entendemos todo o conjunto de reflexões e refrações no cérebro humano da realidade social e natural, expressas e fixadas por ele em forma verbal, de desenho, esboço ou qualquer outra forma semiótica (VOLOŠINOV, 1983, p. 53 *apud* SÉRIOT, 2015, p. 16).

A pedra angular da contribuição de Volóchinov para a filosofia marxista da linguagem está em sua abordagem da ideologia como signo. Esta leitura permite, de fato, não ficar preso numa definição de ideologia como uma falsa consciência, mas, ao contrário, abordá-la sublinhando a importância do estudo sociológico da sua significação:

Antes de mais nada, as próprias bases da ciência marxista da criação ideológica, isto é, os fundamentos dos estudos sobre a ciência, a literatura, a religião, a moral etc. estão ligados de modo mais estreito aos problemas da filosofia da linguagem.

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social – seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo – mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma *significação*⁷: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*. *Onde não há signo também não há ideologia* (VOLÓCHINOV, 2018, p. 91).

O autor fundamenta assim seu argumento na natureza dual do signo ideológico, que é tanto material quanto semiótico: não se limita à sua realidade material, mas tem também uma significação, referindo-se a algo externo a si mesmo, por reflexão e refração –

⁷ Os trechos em itálico respeitam a utilização do itálico no texto original.

veremos a importância desta distinção mais adiante. Todo signo constitui assim um material ideológico, e toda construção ideológica é, por sua vez, semiótica. Neste sentido, a religião, a literatura, a moral e a própria ciência constituem ideologias, signos que refletem e refratam realidades situadas fora de si mesmas.

O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser iguais. Onde há signo há também ideologia. *Tudo que é ideológico possui significação *semiótica**⁸ (VOLÓCHINOV, 2018, p. 93).

Reconhecer o caráter fundamentalmente semiótico da ideologia não significa, entretanto, ignorar a questão de sua relação com a realidade – ou seja, da forma como sua valorização se refere mais ou menos diretamente, ou de maneira mais ou menos enviesada, à realidade social e sua dinâmica. Em outras palavras, é possível avaliar o grau de reflexão e de refração de cada signo ideológico. Deixamos assim para trás os impasses da “falsa consciência”, e entramos numa discussão relativa à valorização da ideológica, referente a elucidação do seu processo social de reflexão e refração.

A Palavra como a Unidade Básica da Análise Ideológica

A análise das avaliações sociais dos signos ideológicos requer, no entanto, a definição de uma unidade básica a partir da qual pode ser desdobrada. Volóchinov propõe então se concentrar no “slovo” – termo russo marcado pela sua polissemia e sem tradução unívoca em francês ou em português⁹ que Sériot e Tytkowski-Ageeva sugerem traduzir pelo neologismo “Mot (Palavra)” com letra maiúscula, para “chamar a atenção do leitor para um campo semântico não apenas amplo, mas também em perpétua flutuação” (SÉRIOT, 2015, p. 28).

Volóchinov considera assim a Palavra como uma realidade semiótica que satisfaz uma série de condições fundamentais para a análise ideológica. Para o autor, a Palavra é de fato caracterizada por “sua pureza *semiótica*, seu caráter ideológico neutro, sua participação na comunicação cotidiana, sua capacidade de se tornar palavra¹⁰ interior e, finalmente, sua presença obrigatória em qualquer ato ideológico consciente” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 101).

Entretanto, a questão não para por aqui. A Palavra não é apenas o mais representativo e puro dos signos, mas também um signo neutro. Todos os demais materiais *semióticos* são especializados em campos

⁸ A pesquisa a origem deste artigo sendo desenvolvida na base da nova tradução de MFL em francês (VOLOŠINOV, 2010), as estrelas [*] são usadas para marcar uma tradução oriunda desta versão e se diferenciando da tradução mais recente disponível em português brasileiro (VOLÓCHINOV, 2018). Neste caso, o termo usado na tradução brasileira é “signica”.

⁹ Seguindo Souza e Miotello (2019, p. 554), a filóloga Tatiana “Bubnova (2009) em nota de tradução explica que o dicionário de russo *Slovar russkogo iazyka* admite nove entradas para o termo [...] remetendo tanto às noções de discurso, de linguagem e de verbo” “1) [...] unidade da língua que se serve para nomear um conceito isolado; 2) o próprio discurso, a faculdade de falar; 3) atuação pública oral, discurso em uma assembleia; 4) discurso sobre algum tema, narração, exposição (arcaísmo de estilo elevado); 5) opinião, alegação” (BUBNOVA, 2009, p. 33).

¹⁰ Sem maiúscula, no sentido português de “fala”.

particulares da criação ideológica. Cada campo possui seu próprio material ideológico e forma seus próprios signos e símbolos específicos que não podem ser aplicados a outros campos. Neste caso, o signo é criado por uma função ideológica específica e é inseparável dela. Já a Palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir qualquer função ideológica: científica, estética, moral ou religiosa (VOLOCHINOV, 2018, p. 99).

A Palavra é, portanto, dotada de flexibilidade ideológica. Como signo fundamentalmente neutro, pode ser objeto de várias acentuações sem ser imediatamente associada a uma determinada função social. A Palavra pode de fato ser mobilizada em contextos extremamente diversos, ao contrário de outras realidades semióticas que têm seu campo de ação muito mais limitado por sua função ideológica inicial: um sinal de trânsito, o brasão de armas de uma bandeira, um hino etc. Neste sentido, podemos dizer que a Palavra está em toda parte e, portanto, representa um indicador extremamente valioso.

Esse papel excepcional da Palavra como meio de consciência determina o fato de que a Palavra acompanha toda a criação ideológica com seu ingrediente indispensável. A Palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de qualquer fenômeno ideológico (de um quadro, música, rito, ato) não podem ser realizados sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações de criação ideológica, isto é, todos os outros signos não verbais são envolvidos pelo universo verbal, *estão imersos nele*¹¹ e não podem ser nem isolados, nem completamente separados dele (VOLÓCHINOV, 2018, p. 100-101).

Entretanto, ao reconhecer a Palavra como unidade de análise de base, não se deve chegar a uma concepção ingênua e redutora segundo a qual ela representaria a verdadeira entidade ideológica, em detrimento de outras formas semióticas. Estas últimas não podem ser reduzidas à Palavra, embora ela as acompanhe de forma quase orgânica.

Isso não significa que a Palavra é capaz de substituir qualquer outro signo ideológico. *Não, todos os signos ideológicos específicos não são totalmente substituíveis por ela. É, em princípio, impossível expressar adequadamente em palavras uma obra musical ou uma imagem pictórica*¹². Um rito religioso não pode ser totalmente substituído por palavras, tampouco há uma substituição verbal adequada mesmo para o mais simples dos gestos do cotidiano. A negação deste fato resultaria em um racionalismo vulgar em uma simplificação grosseira. No entanto, todos esses signos ideológicos que não podem ser substituídos pela Palavra ao mesmo tempo apoiam-se nela e são por ela e acompanhados, assim como o canto recebe um acompanhamento musical (VOLÓCHINOV, 2018, p. 101).

A flexibilidade da Palavra, acompanhando os aspectos mais ínfimos da vida social de forma dinâmica, faz dela uma entidade particularmente interessante para o estudo das acentuações ideológicas e, mais precisamente, quando se trata de abordar a luta entre acentos sociais contraditórios. Ela representa, de certa forma, o meio mais eficaz para aqueles que desejam realizar uma análise marxista da conflitualidade social no campo ideológico.

¹¹A formulação usada na tradução brasileira é “emergem nele”.

¹²A formulação usada na tradução brasileira é “Não, a palavra não é capaz de substituir por completo todos os signos ideológicos principais e específicos. Por princípio, uma palavra não pode transmitir adequadamente uma obra musical ou uma imagem da pintura”.

Acentos Sociais e Tema dos Signos

Agora, se a particularidade do signo ideológico é se referir a algo diferente de si mesmo, trata-se de estudar sua acentuação, aquilo a que ele se refere no real. Isto é o que Volóchinov propõe chamar de *tema* do signo:

Convencionamos chamar esta realidade, que se torna objeto do signo, de tema do signo. Assim, todo discurso verbal possui o seu tema. Um tema ideológico *é sempre socialmente acentuado*¹³. É claro que todos *esses acentos*¹⁴ sociais dos temas ideológicos penetram também na consciência individual que, como sabemos, é totalmente ideológica. É como se nesse caso elas se tornassem *acentos* individuais, pois a consciência individual une-se de tal modo a elas que parecem pertencer-lhe; sua origem, no entanto encontra-se fora dela. *O acento avaliativo*¹⁵ é, por si só, interindividual (VOLÓCHINOV, 2018, p. 111).

Aqui está o princípio da contribuição fundamental de *Marxismo e filosofia da linguagem* para uma abordagem sociológica da ideologia. De fato, a definição do tema não é um processo limitado à vida interna do signo. A acentuação ideológica é um processo fundamentalmente social, produto das relações interindividuais, que resulta no fato de que “ao realizar-se no processo da comunicação social, todo signo ideológico, inclusive o signo verbal, é *marcado*¹⁶ pelo *horizonte social* de uma época e de um grupo social” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 110).

Assim, quando Marx e Engels declaram na *Ideologia alemã* “que durante o tempo em que a aristocracia dominou dominaram os conceitos de honra, fidelidade etc., enquanto durante o domínio da burguesia dominaram os conceitos de liberdade, igualdade etc.” (MARX; ENGELS, 2007, p. 48), não se trata apenas de estudar a prevalência de certos conceitos em vez de outros em certos períodos históricos, mas também de trazer luz sobre a realidade social à qual os conceitos de honra ou liberdade se referem no âmbito do regime feudal ou democrático burguês. Portanto, da mesma forma que a honra não desaparece com o fim do modo de produção feudal, a liberdade não aparece armada com o capitalismo: a significação, o tema, destes signos evoluem assim no curso do desenvolvimento histórico – ganhando mais ou menos prevalência de acordo com o fluxo das dinâmicas macrosociais.

Há, portanto, uma variação progressiva das acentuações sociais dos signos de acordo com as mutações dos horizontes sócio-históricos dos diferentes grupos que os utilizam. Por exemplo, o termo *democracia* assumiu uma cor diferente entre o momento em que era usado como um desafio à ordem estabelecida durante as revoluções contra o absolutismo de um lado, e o período de consolidação do regime burguês do outro (REHMANN, 2014b, p. 18) – se tornando então uma referência de aparência intocável, profundamente entrelaçada com a preservação da paz social sob a égide da nova classe dominante.

Os Signos Ideológicos como Arena da Luta de Classes

No entanto, “a existência não é apenas refletida no signo, mas também *refratada nele*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 112). O mesmo signo ideológico, como uma base neutra, pode assim ser marcado por acentuações sociais distintas. Esta refração é o produto do

¹³ A formulação usada na tradução brasileira é “sempre recebe uma ênfase social”.

¹⁴ Na tradução brasileira, o termo “acento” é substituído por “ênfase”.

¹⁵ O termo usado na tradução brasileira não integra o “avaliativo” e é simplesmente “ênfase”.

¹⁶ A tradução brasileira usa o termo “determinado”, com conotação menos dinâmica que a tradução francesa.

“cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade *semiótica*, isto é, a luta de classes” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 112). Opondo-se à linguística de Nicolas Marr – para quem cada classe social falaria sua própria língua, o que invalidaria a ideia de uma possível pluriacentuação e conflitualidade na valorização dos signos ideológicos – Volóchinov parte da ideia de que a língua, pelo fato de ser compartilhada por grupos e classes sociais com horizontes distintos, torna-se de fato um espaço de luta no plano ideológico:

A classe não coincide com a coletividade *semiótica*, ou seja, com a coletividade que utiliza os mesmos signos da comunicação ideológica. Por exemplo, várias classes podem utilizar a mesma língua. Em decorrência disso, *em todo signo ideológico cruzam-se *acentos de orientação diferente**¹⁷. O signo transforma-se na *arena*¹⁸ da luta de classes. Essa *pluriacentuação*¹⁹ do signo ideológico é um *componente essencial do mesmo*²⁰. Na verdade, apenas esse cruzamento de acentos proporciona ao signo a capacidade de viver, de movimentar-se e de desenvolver-se (VOLÓCHINOV, 2018, p. 112-113).

Ao insistir na dupla característica da relação do signo com a realidade social, marcada tanto pela reflexão quanto pela refração, o linguista soviético propõe assim uma solução para uma ambiguidade profundamente enraizada na tradição marxista. De fato, resumindo seu projeto de análise sócio-histórica da constituição das representações ideológicas, Marx e Engels já afirmavam que “parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida” (MARX; ENGELS, 2007, p. 94). Mas ao se limitar a esta metáfora da ideologia como reflexão – amplamente retomada no decorrer do século XX, com pouca consideração pela dinâmica da elaboração real do manuscrito (HUBMANN; PAGEL, 2018) – abrimos a porta para uma leitura tingida de economicismo e mecanismo, onde a ideologia poderia então ser considerada como um reflexo imediato das relações sociais, vendo o terreno ideológico como secundário em relação ao econômico – considerado, portanto, como sendo determinante em última instância.

Contudo, Marx e Engels enfatizam também que a ideologia deve ser estudada no processo concreto de vida do homem atuante, e nas formas mais amplas que estas concepções assumem. E isso é justamente o caminho seguido por Volóchinov, propondo uma alternativa particularmente instigante à posição de Lênin no *Materialismo e Empírio-Criticismo* – esse último defendendo uma concepção da “consciência [como sendo] um reflexo da existência, ou, no melhor dos casos, uma imagem aproximadamente exata (adequada, idealmente precisa)” (LÊNIN, 1946). *Marxismo e a Filosofia da Linguagem* marca assim uma etapa crucial no desenvolvimento diacrônico de uma teoria marxista da ideologia, reconhecendo tanto que o signo reflete inevitavelmente as condições sócio-históricas nas quais está enraizado, quanto que as contradições sociais vigentes também serão refratadas nele, definindo o grau de refração e alteração de sua relação com a realidade.

Retomando o exemplo do conceito de democracia, podemos observar que ele é objeto de acentuações distintas, dentro da mesma sociedade e período histórico, seguindo os horizontes dos diferentes grupos e classes sociais que o utilizam. No sentido aparentemente

¹⁷ A formulação usada na tradução brasileira é “ênfases multidirecionadas”.

¹⁸ O termo usado na tradução brasileira é “palco”, com conotação distinta de “arena” na tradução francesa.

¹⁹ O termo usado na tradução brasileira é “multiacentuação”.

²⁰ A formulação usada na tradução brasileira é “aspecto muito importante”, se diferenciando do caráter “essencial” destacado pela tradução francesa.

dominante do termo, refere-se ao regime parlamentar liberal. Mas este signo pode também ser objeto de acentuações significativamente distintas quando invocado por setores intermediários – no sentido da participação na tomada de decisões políticas através do mundo associativo por exemplo – ou quando mobilizado pelo movimento operário organizado – referindo-se então à democracia no local de trabalho e nas assembleias sindicais, e até mesmo a formas alternativas de poder popular. E esta profunda pluriacentuação do signo atinge provavelmente o seu paroxismo no caso da sua mobilização por movimentos no extremo oposto do espectro político: seja, de um lado, na defesa das chamadas “democracias populares”, seja, do outro, na invocação do golpe militar em defesa da democracia e da liberdade.

A Natureza um Tanto Reacionária da Ideologia Dominante

Todos estes acentos vão então colidir na vida social, na luta de classes cotidiana, e tornar o signo vivo, fazendo da ideologia uma arena onde as tensões da sociedade de classes e a luta pela hegemonia serão plenamente expressas. No entanto, se toda a realidade ideológica é semiótica, se o signo reflete e refrata a vida social e é o terreno de uma luta por sua significação, porque é que sua pluriacentuação passa quase sempre despercebida? Ou seja, como entender o fato que a ideologia parece geralmente ser marcada por uma acentuação dominante, esmagando, por assim dizer, o volume das outras possíveis acentuações?

Justamente aquilo que torna o signo ideológico vivo e mutável faz dele um meio que reflete e refrata a existência. A classe dominante tende a atribuir ao signo ideológico um caráter eterno e superior à luta de classes, bem como apagar ou ocultar o embate das avaliações sociais no seu interior, tornando-o monoacental (VOLÓCHINOV, 2018, p. 113).

É precisamente porque a ideologia está sujeita a uma luta permanente por sua acentuação, submetida às relações de força sociopolíticas, que o acento que a classe dominante lhe imprime pode parecer ser o único existente, que a dialética interna do signo parece ter sido apagada. A solução de Volóchinov para a questão da “relação entre a base e as superestruturas”²¹ irá assim procurar a força do caráter deformador da ideologia dominante no processo de silenciamento das outras valorizações que ela opera:

Contudo, assim como Janus, qualquer signo ideológico tem duas faces. Qualquer xingamento vivo pode se tornar um elogio, qualquer verdade viva deve inevitavelmente soar para muitos como uma grande mentira. Essa *dialética interna do signo* revela-se na sua totalidade apenas em épocas de crises sociais e de mudanças revolucionárias. Em condições normais da vida social, essa contradição contida em todo signo ideológico é incapaz de revelar-se em absoluto, pois na ideologia dominante o signo ideológico é sempre um pouco reacionário, em uma espécie de tentativa de estabilizar o momento anterior do fluxo dialético da formação social, ou seja, de enfatizar a verdade de ontem como se fosse a verdade de hoje. Isso determina a particularidade do signo ideológico de refratar e distorcer a realidade dentro dos limites da ideologia dominante (VOLÓCHINOV, 2018, p. 113-114).

²¹ Título dado por Volóchinov ao segundo capítulo do livro (VOLÓCHINOV, 2018, p. 103-114).

Sob a égide da classe dominante, os signos ideológicos ganham assim um caráter conservador, dando-lhes, por reflexão e refração, um aspecto deformador, e até mesmo mistificador.

Em períodos de paz social, os signos parecem, portanto, ser dotados apenas de uma significação, referindo-se ao horizonte sócio-histórico da classe dirigente, ou seja, no caso da época contemporânea, o horizonte do grupo social detentor dos meios de produção da economia capitalista. Neste caso, a valorização da democracia como regime parlamentar liberal se torna uma acentuação quase esmagadora, forçando a verdade burguesa elaborada no seu momento revolucionário de luta contra o absolutismo como sendo ainda válida hoje, numa época em que a realização integral do seu domínio político e econômico entra em profunda contradição com os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade proclamada em outros tempos.

Em períodos de crises sociais, contudo, esta aparente univocidade do signo parece viver uma verdadeira implosão, dando luz a verdadeiras guerras culturais entre as acentuações ideológicas conferidas a uma bandeira, um símbolo religioso ou a camisa de uma seleção nacional; e até a definição de conceitos tão fundamentais quanto liberdade, constitucionalidade ou democracia. A era de convulsão social na esteira da crise de 2008 parece assim ter vivenciado um reinício desta dialética interna do signo: das lutas contra a austeridade às jornadas de junho, até a ressurreição do movimento conservador e do neofascismo. Nunca desde a década de trinta ficou tão claro que “xingamento[s] vivo[s] puderam] se tornar um elogio” e “verdades vivas [conseguiram] inevitavelmente soar para muitos como uma grande mentira” – tal dinâmica vê os signos ideológicos se tornarem verdadeiros campos de luta atingindo ultimamente o seu auge nas arenas das mobilizações de rua e das suas extensões nas redes sociais (ou vice-versa).

Uma Chamada à Análise Socioetnográfica da Ideologia do Cotidiano

Para entender esta dinâmica conflituosa da ideologia, que Volóchinov chama de “dialética interna do signo”, precisa então responder ao chamado do filósofo da linguagem soviético e estudar as acentuações ideológicas *in situ*, no próprio cerne das relações sociais que as moldam — ou seja, abrir a ciência da linguagem às ciências sociais.

Seguindo Sériot, “o marxismo de Volóchinov [se trata de fato de] uma sociologia interacionista das relações verbais interindividuais em situação de vivência comum” (SÉRIOT, 2015, p. 91). Assim, embora “esse sociólogo não empreenda nenhuma pesquisa de campo, não coleta nenhum corpus” (SÉRIOT, 2015, p. 113), o autor do MFL esboçou, não obstante, um caminho sociológico para análise das acentuações ideológicas, convidando outros pesquisadores a explorá-lo:

Para isto, é necessário guiar-se pelas seguintes exigências metodológicas fundamentais:

- 1) *Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo (ao inseri-la na “consciência” ou em outros campos instáveis e imprecisos).*
- 2) *Não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social (pois o signo é uma parte da comunicação social organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico).*
- 3) *Não se pode isolar a comunicação e suas formas da base material (VOLÓCHINOV, 2018, p. 110).*

O pesquisador soviético lembra assim, em primeiro lugar, que sua filosofia da linguagem é baseada numa concepção materialista do mundo: o signo ideológico constitui uma realidade material concreta, inclusive em sua forma internalizada – o filósofo da linguagem soviético considerando a “consciência como uma expressão material organizada (no material ideológico da *Palavra*, do signo, do desenho, das tintas, do som musical, etc.) [ou seja como] um fato objetivo e uma enorme força social” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 211-212).

Por esta posição – que ele aprofundará em sua rica leitura crítica da psicanálise freudiana (BAKHTIN, 2001) – Volóchinov está assim fundamentalmente próximo de seu contemporâneo e compatriota, o psicólogo social Lev Vygotsky, e do seu projeto de “demonstrar que a apropriação e interiorização dos signos era constitutiva do pensamento consciente propriamente humano, e que, conseqüentemente, sendo esses signos sempre sociais, a consciência poderia ser definida como ‘um contato social consigo mesmo’ (VYGOTSKI, 1994).” (BRONCKART; BOTA, 2007, p. 78).

Assim, tal como a leitura histórico-cultural traz uma contribuição fundamental para o estudo da acentuação ideológica dos signos que povoam a vida social cotidiana mediante sua atenção à forma “conceito” – cotidiano ou científico (VYGOTSKI, 2008) – ou seja, ao caráter generalizador da significação da palavra, o método sociológico no estudo da linguagem contribui para esta análise através de seu interesse pelas interações linguísticas e suas inserções em horizontes sócio-históricos específicos.

De fato, como aponta o autor do MFL em um segundo passo, a Palavra, o signo, só está viva no intercâmbio social. Não se trata, portanto, de privilegiar a introspecção, a busca da realidade profunda do signo ideológico na intimidade da psique individual, mas de apreender a ideologia como expressão da vida social real, de compreender seu aparente efeito de “câmara escura” (MARX; ENGELS, 2007, p. 94) na própria dinâmica da sociedade. Para apreender o tema de um signo e o choque de acentos ideológicos que nele ocorre, é necessário, portanto, imergir-se nestas interações sociais concretas, a fim de compreender praticamente “o horizonte social de um determinado período e de um determinado grupo” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 110). Isto é precisamente o que a abordagem socioetnográfica torna possível: não se limitar à simples análise textual de uma entrevista transcrita, mas ancorar a sua compreensão na vasta rede de significações moldada pela sedimentação das interações sociais.

Todas essas formas de interação discursiva estão estreitamente ligadas às condições de dada situação social concreta, e reagem com extrema sensibilidade a todas as oscilações do meio social. É justamente nas profundezas dessa psicologia social materializada na palavra que são acumuladas aquelas mudanças e alterações pouco perceptíveis que depois encontram sua expressão em produtos ideológicos acabados (VOLÓCHINOV, 2018, p. 107-108).

Mas para isso, como alerta Volóchinov em um terceiro passo, é essencial não separar os signos ideológicos de sua base material. Ele sugere assim que o entrelaçamento de interesses sociais de orientações variadas situados no coração da ideologia só se torna plenamente compreensível quando se referir às forças sociais externas à própria relação de enunciação. O objetivo é então compreender a forma como estes últimos definem o espectro das possíveis acentuações ideológicas, moldando o mundo vivido sob a forma de uma “ideologia do cotidiano”:

Chamaremos de ideologia do cotidiano o conjunto das experiências vividas da vida cotidiana e das expressões externas que lhe estão diretamente ligadas, para distingui-la dos sistemas ideológicos constituídos como a arte, a moralidade, o direito. A ideologia do cotidiano é o elemento vital da palavra interior e exterior, não organizada e não sistematizada, que dá sentido a cada um de nossos comportamentos, de nossas ações e de nossos estados de consciência. Considerando o caráter sociológico da estrutura da expressão da vivência, podemos dizer que a ideologia do cotidiano, no nosso entender, corresponde em geral àquilo que na literatura marxista é denominado como “psicologia social” (VOLOŠINOV, 2010, p. 311).

Encontramos assim em Volóchinov uma preocupação central, singularmente compartilhada por outros pesquisadores marxistas de sua geração: uma atenção à relação entre a “filosofia espontânea” do cotidiano e as construções ideológicas de maior porte, cristalizadas em “projetos hegemônicos”. Para o filósofo da linguagem soviético:

Os sistemas ideológicos formados – a moral social, a ciência, a arte e a religião – cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano e, por sua vez, exercem sobre ela uma forte influência inversa e costumam dar-lhe o tom. Todavia, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos formados preservam constantemente a mais viva ligação orgânica com a ideologia do cotidiano. [...] Em cada época de sua existência histórica, a obra deve interagir estreitamente com a ideologia do cotidiano em transformação, preencher-se por ela e nutrir-se de sua seiva nova. Apenas à medida que a obra é capaz de interligar-se ininterruptamente e organicamente com a ideologia do cotidiano de uma época, ela é capaz de ser viva dentro dela (é claro, em dado grupo social) (VOLÓCHINOV, 2018, p. 213-214).

A Linguagem como Terreno Ideológico-Político

O dinamismo e a delicadeza da análise proposta em *Marxismo e filosofia da linguagem* parece assim somar-se às melhores passagens da *Ideologia alemã*, oferecendo no mesmo tempo um caminho alternativo ao beco sem saída da metáfora mecanicista da reflexão. Contudo, aponta Sériot, MFL não faz referência a este “texto póstumo [de Marx e Engels] que só foi publicado e traduzido por inteiro na Rússia em 1933 [mas que] já existia em forma de excertos desde o final do século XIX e, portanto, poderia ter sido levado em conta por Volóchinov, mas ele *nunca* cita Marx” (SÉRIOT, 2015, p. 80).

Esta falta de um aparente diálogo efetivo com a dimensão política do marxismo leva assim Patrick Sériot a defender que “esse marxismo [de Volóchinov] sem práxis, sem política e sem Marx é o antípoda do de Gramsci, seu contemporâneo[; sendo] uma teoria do conhecimento e não uma teoria da ação” (SÉRIOT, 2015, p. 73). Sem embargo, o historiador e linguista Jacques Guilhaumou – autor de uma nota de leitura crítica sobre a nova tradução francesa – enfatizará, por sua vez, que “a distância com Gramsci não é, portanto, tão grande quanto se diz” (GUILHAUMOU, 2012, §13), propondo portanto que “seria também apropriado pensar em uma possível aproximação em torno do termo ideologia, muito frequentemente evocada por Gramsci e Volóchinov” (GUILHAUMOU, 2012, §13).

O tratamento gramsciano da ideologia nos *Cadernos de cárcere* se alinha de fato notavelmente com o tratamento amplo do conceito por Volóchinov, o ponto de partida do revolucionário italiano sendo precisamente que “o próprio significado que o termo ‘ideologia’ assumiu na filosofia da práxis contém implicitamente um juízo de desvalor”

(GRAMSCI, 1999, p. 208, Q11 §63). Gramsci lamentou em seguida que esse “sentido pejorativo da palavra tornou-se exclusivo, o que modificou e desnaturou a análise teórica do conceito de ideologia” (GRAMSCI, 1999, p. 237, Q7 §19). Ele procura então reconstruir o raciocínio que levou a esta valorização negativa, propondo uma análise em três tempos:

- 1) identifica-se a ideologia como sendo distinta da estrutura²² e afirma-se que não são as ideologias que modificam a estrutura, mas sim vice-versa;
- 2) afirma-se que uma determinada solução política é “ideológica”, isto é, insuficiente para modificar a estrutura, enquanto crê poder modificá-la se afirma que é inútil, estúpida etc.;
- 3) passa-se a afirmar que toda ideologia é “pura” aparência, inútil; estúpida, etc. (GRAMSCI, 1999, p. 237, Q7 §19).

Em seu esforço para restaurar o poder analítico e crítico do conceito, Gramsci recorreu então a sua formação inicial em linguística e redescobriu o nível fundamental de expressão da ideologia na “linguagem, que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo” (GRAMSCI, 1999, p. 93, Q11 §12). Portanto, “até mesmo na mais simples manifestação de uma atividade intelectual qualquer, na ‘linguagem’, está contida uma determinada concepção do mundo” (GRAMSCI, 1999, p. 93, Q11 §12). Esta importância da linguagem como lócus inicial de expressão de uma visão do mundo e, portanto, como um lócus político, encontra uma formulação muito feliz no *Gramscian Moment* de Peter Thomas (2009):

A linguagem (no sentido específico do termo italiano *linguaggio*, ou seja, as relações sociolinguísticas ativas) funciona em certo sentido como a materialidade concreta do *senso comune* e, portanto, também das ideologias/filosofias, relações sociais ativas de conhecimento que unificam e dividem diferentes grupos sociais. Entendida neste sentido “instrumental”, como um “aparelho” de transmissão e difusão do conhecimento, a linguagem torna-se uma das primeiras frentes na luta entre hegemonias, ou a tentativa de diferentes grupos sociais de concretizar seus projetos de classe em termos que possam dar direção à sociedade como um todo. [...] As lutas em torno das significações dentro da linguagem, sua implementação concreta como organização social em particular, não é, portanto, secundária em relação ao “político” propriamente dito. Concebida em um certo sentido, sua capacidade de unificação e divisão torna-se o paradigma ou “terreno” do próprio político (THOMAS, 2009, p. 431-432).

Esta concepção da linguagem como espaço de luta entre acentos sociais contraditórios compartilha uma proximidade surpreendente com as posições defendidas por Volóchinov, tanto mais surpreendente que é absolutamente impossível que Gramsci tivesse acesso a *Marxismo e filosofia da linguagem*, publicado em russo na distante União Soviética enquanto ele já era privado de liberdade nos cárceres de Mussolini há vários anos.

Essa proximidade torna-se no entanto ainda mais nítida quando Peter Thomas associa explicitamente a abordagem defendida por Gramsci a uma concepção da “ideologia concebida num sentido neutro, como a forma pela qual os seres humanos tomam consciência de um mundo dilacerado pelas contradições ‘reais’ da luta de classes” (THOMAS, 2009, p. 281). Embora o seu colega Jan Rehmann (2014a) defenda uma visão

²² A tradução francesa propõe uma formulação mais clara: “a ideologia é separada da estrutura” (GRAMSCI, 1983, p. 185).

diametralmente oposta à leitura de Thomas – caracterizada de “unilateral no sentido de que tende a suprimir o uso crítico que Gramsci faz do conceito [de ideologia] em sua definição da filosofia da práxis, e sua crítica ao senso comum” (REHMANN, 2014b, p. 144) – a consolidação progressiva do conceito pelo revolucionário italiano parece efetivamente conseguir dar conta de sua maleabilidade, enfatizando a luta entre as distintas orientações de classe sem atenuar seu conteúdo crítico.

A proximidade entre Volóchinov e Gramsci nas suas formas de responder às três “exigências metodológicas fundamentais” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 110) para uma análise sociológica na filosofia da linguagem mencionadas acima torna assim possível esclarecer a articulação concreta existindo entre, por um lado, a consciência e a ideologia da vida cotidiana e, por outro, os “produtos ideológicos formados” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 213) da moral, do direito e da religião. Isto abre a possibilidade de entender como a ideologia, suas tensões e mutações, se inscreve num contexto social e político mais amplo, particularmente quando se expressa dentro de instituições que contribuem para a produção e reprodução da sociedade – tais como escolas, imprensa ou igrejas – e quando está viva nas práticas de seus atores – tais como professores, jornalistas ou quadros do clero, na mais ampla gama das suas orientações políticas.

Conclusão: Uma Contribuição Original à Extensão do Programa de Pesquisa Marxista

Chegando no termo desta exploração do projeto de análise sociológica da ideologia esboçado por Volóchinov, chega também o momento de avaliar a forma com a qual o autor conseguiu de fato delinear “a direção geral de uma *autêntica reflexão marxista*²³ sobre a linguagem, e os *pontos metodológicos fundamentais* que devem sustentar esse pensamento na abordagem dos problemas concretos da linguística” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 83-84).

A proximidade de Volóchinov com uma abordagem da ideologia como vetor neutro suscetível de acentuações distintas e potencialmente antagônicas – seguindo a intensidade do conflito social e o choque entre perspectivas de classe – e a luz nova que está trazendo sobre o caráter tanto distorcedor – através da refração social – quanto mistificador – através da aparente monoacentuação que produz – da ideologia dominante, e isso sem cair no mecanismo ou no positivismo, parece de fato ter respondido de forma particularmente instigadora e original aos objetivos estabelecidos pelo filósofo da linguagem soviético nas primeiras páginas do seu *Magnum opus*.

Marxismo e filosofia da linguagem se destaca assim como uma contribuição instigante à extensão progressista da cintura teórica do programa de pesquisa marxista – para retomar a análise do filósofo da ciência Imre Lakatos (1978, 1987) na sua leitura por Michael Burawoy (1990) – em seu tratamento dos fatos ideológicos, contribuindo à ampliação do alcance empírico desta tradição teórica-política e estimulando a sua apropriação e tradução em vários campos disciplinares das ciências humanas.

Cerca de um século depois, frente a um mundo mais que nunca dilacerado pelas suas polarizações sociais, econômicas e políticas, a necessidade de dar sentido à intensa conflitualidade do campo ideológico não parece surpreendentemente ter perdido nada da sua atualidade – reafirmando assim a relevância do convite feito por Valentin Volóchinov para operacionalizar a análise da dialética da acentuação ideológica no cerne das mais diversas pesquisas em ciências sociais.

²³A formulação usada na tradução brasileira é “pensamento verdadeiramente marxista” com conotação distinta da formulação escolhida na tradução francesa.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *O freudismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- BAKHTINE, Mikhaïl. *Ecrits sur le freudisme*. Lausanne: L'âge d'homme, 1980.
- BOTA, Cristian. Apports méthodologiques de V. Vološinov. *Cahiers de l'ILSL*, Lausanne, n. 24, p. 29-42, 2008.
- BRONCKART, Jean-Paul; BOTA, Cristian. *Bakhtin desmascarado: história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BRONCKART, Jean-Paul; BOTA, Cristian. Voloshinov et Bakhtine : deux approches radicalement opposées des genres de textes et de leur statut. *Linx*, Nanterre, n. 56, p. 73-89, 2007.
- BRONCKART, Jean-Paul; FRIEDRICH, Janette. Présentation. In: VYGOTSKI, Lev S. *La signification historique de la crise en psychologie*. Paris: La Dispute, 2010.
- BUBNOVA, Tatiana. Prefácio: Valentín Nikoláievich Volóshinov (1894-1936), El marxismo y La filosofía del lenguaje y el Círculo de Bajtín. In: VOLOSHINOV, Valentin N. *El marxismo y la filosofía del lenguaje*. Buenos Aires: Ediciones Godot Argentina, 2009.
- BURAWOY, Michael. Marxism as science: Historical challenge and theoretical growth. *American Sociological Review*, Menasha, v. 55, n. 6, p. 775-793, 1990.
- ENGELS, Friedrich. *A dialética da natureza*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. v. 1.
- GRAMSCI, Antonio. *Cahiers de prison*. Paris: Gallimard, 1983. v. 2: Cahiers 6, 7, 8 et 9.
- GRILLO, Sheila Vieira de Camargo; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. Valentín Nikoláievitch Volóchinov: documented details of his life and works. *Alfa: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto, v. 61, n. 2, p. 255-281, 2017.
- GUILHAUMOU, Jacques. Valentin Nikolaevic Vološinov (Vološinov), Marxisme et philosophie du langage. Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage. *Semen*, [s. l.], n. 33, p. 195-208, 2012.
- HUBMANN, Gerald; PAGEL, Ulrich. Introdução (editorial) da Ideologia alemã: para a crítica da filosofia. *Dissonância - Revista de teoria crítica*, Campinas, v. 2, n. 2, p. 334-360, 2018.
- JAKOBSON, Roman. Préface. In: BAKHTINE, Mikhail (VOLOSHINOV, Valentin). *Le Marxisme et la philosophie du langage: essai d'application de la méthode sociologique en linguistique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1977.
- LAKATOS, Imre. Falsification and the methodology of scientific research program. In: KOURANY, Janet A. (ed.). *Scientific knowledge: basic issues in the philosophy of science*. Belmont: Wadsworth Pub. Co., 1987.
- LAKATOS, Imre. *The methodology of scientific research programmes*. Cambridge & New York: Cambridge University Press, 1978.
- LÊNIN, Vladimir I. *Materialismo e empirocriticismo: notas e críticas sobre uma filosofia reacionária*. Rio de Janeiro: Editorial Calvin, 1946.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MEDVIÉDEV, Pável N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. São Paulo: Contexto, 2016.
- REHMANN, Jan. Philosophy of Praxis, Ideology-Critique, and the relevance of a "Luxemburg-Gramsci line": a comment on Peter Thomas' "Gramscian Moment". *Historical Materialism*, Leiden, v. 22, n. 2, p. 99-116, 2014a.
- REHMANN, Jan. *Theories of ideology: the powers of alienation and subjection*. Chicago: Haymarket Books, 2014b.
- SÉRIOT, Patrick. Préface: Vološinov, la philosophie de l'enthymème et la double nature du signe. In: VOLOSHINOV, Valentin N. *Marxisme et Philosophie du Langage: les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science de la langue*. Limoges: Lambert-Lucas, 2010.

- SÉRIOT, Patrick. *Vološinov e a filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- SOUZA, Nathan Bastos de; MIOTELLO, Valdemir. Uma contribuição à crítica bakhtiniana: a(s) leitura(s) de Kristeva, o termo “slovo” e outros problemas em algumas traduções. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 8, n. 3, p. 545-562, 2019.
- THOMAS, Peter. *The Gramscian Moment*. London: Brill, 2009.
- TYLKOWSKI, Inna. *Vološinov en contexte. Essai d'épistémologie historique*. Limoges: Lambert-Lucas, 2012.
- VOLÓCHINOV, Valentin N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2018.
- VOLOSHINOV, Valentin N. *Freudianism: A Marxist critique*. London: Verso, 2013.
- VOLOŠINOV, Valentin N. Literary stylistics 1. What is language? In: SUKMAN, Ann (Ed.). *Bakhtin School Papers. Russian Poetics in Translation*. Somerton: Old School House, 1983.
- VOLOŠINOV, Valentin N. *Marxisme et philosophie du langage: les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage*. Limoges: Lambert-Lucas, 2010.
- VYGOTSKI, Lev S. La conscience comme problème de la psychologie du comportement. *Société Française*, [s. l.], n. 50, p. 35-50, 1994.
- VYGOTSKI, Lev S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- VYGOTSKY, Lev S. O significado histórico da crise na psicologia. In: VYGOTSKY, Lev S. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- YAGUELLO, Marina. Introduction. In: BAKHTINE, Mikhail (VOLOSHINOV, Valentin). *Le Marxisme et la philosophie du langage: essai d'application de la méthode sociologique en linguistique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1977.

*Minicurriculo do Autor:

Sébastien Gabriel Fabien Ghislain Antoine. Doutor em Ciências Políticas e Sociais pela Université Catholique de Louvain (2017). Pesquisador-visitante junto ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco e docente junto à École des Sciences Politiques et Sociales da Université Catholique de Louvain. Pesquisa financiada pela CAPES (Processo n° 88887.582812/2020-00). E-mail: sebastien.antoine@ufpe.br.